

RESUMO DA TESE DO ALERTA UNICAMP PARA O XIV CONGRESSO DO STU

Depois de vários anos sem realizar Congresso, o STU volta a realizá-lo, medida que o ALERTA UNICAMP saúda. A luta dos trabalhadores sempre ganha quando há na categoria uma capacidade de análise da conjuntura e a definição das estratégias, combinados com planos de lutas e fortalecimento da organização. É esse o papel do Congresso.

Quando em 1991 os Trabalhadores fundaram o sindicato em seu I congresso, herança da ASSUC que já existia como instrumento de lutas, estávamos naquele momento vivenciando a definição de uma nova ordem mundial. O império americano, com o fim da URSS, se assume como “xerife do mundo” e impõe uma ordem econômica conhecida como neoliberalismo, cujo objetivo é uma acumulação desmedida do capital, através da desregulamentação estatal, da propriedade privada plena, do livre comércio, livre mercado e da financeirização da economia global. Essa nova ordem passou a ser hegemônica em todos os campos. Organismos internacionais como Banco Mundial e FMI, impuseram as regras do neoliberalismo pelo mundo.

No Brasil, essa lógica começou no governo Collor, mas foi o mantra do Governo FHC que seguiu à risca esse modelo durante o período no qual os tucanos tiveram a frente do governo federal. Nesse contexto começaram os processos de privatizações, das terceirizações e da precarização do trabalho. Os trabalhadores da Unicamp sentiram isso na pele.

Mas houve muita resistência em todo mundo. Os Trabalhadores, juntamente com os diversos movimentos sociais, se organizam, lutam e levantam pautas que fortalecem a inclusão, a defesa de direitos, da soberania dos países e da articulação de mercados regionais. Desse movimento surgem governos progressistas e democráticos como Lula em 2002 e vários outros pela América Latina.

A ofensiva neoliberal, marcada por um mundo unipolar controlado pelos EUA e seus asseclas, geraram guerras e crises que culminaram com o empobrecimento de nações e povos. As guerras mais recentes foram contra os palestinos, utilizando o sionismo fascista, e a Guerra por procuração na qual a OTAN utilizou a Ucrânia, para avançar nos seus interesses militares na fronteira com a Rússia. A Rússia não só venceu a guerra como desmoralizou as sanções impostas, se ancorando em novas relações comerciais.

A China, dirigida pelo Partido Comunista, foi inserida na globalização, mas nos seus termos e voltada para um desenvolvimento com base principalmente na força do Estado. Seu socialismo do Século XXI ameaça a hegemonia dos EUA, fazendo da China o principal polo econômico e tecnológico do mundo, refletido na eliminação da pobreza, no fortalecimento dos trabalhadores e numa modernização sem precedentes daquele país. Também possibilitou novas relações comerciais baseadas no sul global e fora do circuito do neoliberalismo e suas instituições. A formação dos BRICS, inicialmente contando com Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, agora é ampliada a mais países. Além disso, a retomada da Rota da Seda, que marcou a história da China, é emblemática nas novas relações comerciais assistidas pelo mundo.

Num cenário de crise da hegemonia americana, Trump volta ao poder. Quando foi governo na pandemia, e aqui no Brasil tínhamos Bolsonaro, Trump bradou: toda vacina seria primeiro para os braços dos americanos. Enquanto isso, Bolsonaro zombava da situação por aqui. O tom de Trump hoje é parecido. O lema “Fazer a América Grande de Novo” se baseia em dar vazão à guerra cultural, reordenar os objetivos das oligarquias do país, dar tratamento de lacaios aos aliados, fustigar os imigrantes e concentrar as energias para conter os avanços da China. Nesse contexto há uma nova ordem mundial em curso

No Brasil o governo Lula 3, eleito com base em uma frente ampla e no compromisso com as instituições democráticas, contra o golpe, procura alavancar a economia e gerar empregos, tentando ao mesmo tempo manter as políticas sociais de combate a pobreza. Não consegue uma base de sustentação efetiva num parlamento conservador e se vê obrigado a muitas concessões. Há muita dificuldade de mobilização por parte dos movimentos sociais e o parâmetro das disputas está concentrado nas redes sociais.

A extrema direita golpista, agora também embalada pela vitória do Trump, continua com muita influência e tem no bolsonarismo sua principal referência. As cartas para eleição de 2026 estão na mesa. Há um risco grande de retrocessos se não houver nos partidos progressistas e nos movimentos sociais capacidade de unidade, mobilização e conexão com parcelas significativas da população que se encantaram com Bolsonaro e/ou se sentem excluídas do processo político.

Em SP, Bolsonaro deixou um afilhado. O atual governador Tarcísio faz questão de frisar isso. As privatizações desse governo foram escandalosas. Projetos como a escola militar mostram o quanto ele está comprometido com o bolsonarismo e a guerra cultural. As universidades públicas correm risco e, nesse momento, o governo Lula é um freio contra essa investida. No caso de SP há uma parte da base do governo segurando os ataques do bolsonarismo sobre as universidades com receio de desgastes. Mas há sinalizações que pavimentam o caminho para o estrangulamento financeiro do ensino superior público, para depois atacar a autonomia e retroceder nas conquistas sociais, bem ao gosto da guerra cultural desejada pelo bolsonarismo e manifestada por Trump nos EUA.

As entidades e o Fórum das Seis precisam estar muito atentos a esses processos. É necessário intensificar o diálogo com os movimentos e cobrar dos reitores e do CRUESP uma postura de compromisso com a universidade, suas conquistas e juntar forças para derrotar esse projeto.

O STU e o XIV CONGRESSO

O Sindicato tem tido uma postura de enfrentamento com a reitoria na defesa dos trabalhadores. Foram várias as paralisações e mobilizações que marcaram a disputa pela pauta unificada e a pauta da Unicamp. Tivemos vitórias recentes e importantes como o auxílio saúde e o vale refeição. Além disso, na luta conjunta com o Fórum garantimos a reposição dos nossos salários. Mas também há discussões da nossa categoria que continuam patinando, como por exemplo a carreira. Outra questão importante é o ponto eletrônico, na qual a reitoria insiste em um argumento jurídico para avançar com esse projeto. Para o ALERTA UNICAMP, fazer isso é fragilizar a autonomia. Definir como

vão ser as relações de trabalho é uma discussão interna da Universidade e não é papel do MPT. Além do mais, o mundo do trabalho passa por profundas mudanças e a universidade tem de acompanhar essa tendência. Ao invés de impor ponto eletrônico a reitoria deveria estar negociando com o sindicato o funcionamento do trabalho virtual.

Fortalecer o Sindicato

A construção da sede do STU foi um projeto coletivo, mas foi decisiva a postura e a dedicação do Alerta Unicamp para esse objetivo. Nossa sede precisa ser um espaço da categoria, com atividades criadoras de vínculo com os trabalhadores, além de um espaço de organização e formação política. Também é fundamental retomar o Conselho de Representantes – CR, para que a construção política seja balizada na opinião e participação das unidades. Devemos buscar fortalecer o sindicato e avançar nessas metas.

Pontos para o Congresso:

Forma da eleição do STU

A eleição do STU hoje é proporcional. O ALERTA UNICAMP defende o retorno da eleição majoritária, onde a chapa mais votada dirija o sindicato e não na forma da proporcionalidade onde todas as chapas com coeficiente vão para a diretoria e transforma a direção em um ambiente de disputa permanente.

Centrais Sindicais

O STU participou da formação e da fundação da CTB. Tem sido a Central que mais cresce e melhor compreende a unidade dos trabalhadores. Defendemos a filiação do STU a CTB, mas entendemos a falta de maturidade da nossa categoria para tomar essa decisão nesse Congresso, podendo esta discussão ser feita numa assembleia oportuna.

Fasubra Sindical

O STU participa da Fasubra desde a década de noventa. É uma entidade plural muito comprometida com os técnicos administrativos a nível federal. Apesar de ter diretores e militantes da base do STU atuantes na direção da Fasubra, não há conexão da entidade com as estaduais paulistas. Tanto é assim que o Sintusp e o Sintunesp se desfilaram da Fasubra. Por isso propomos a discussão sobre a relevância para o STU dessa filiação junto a federação.

Mudanças estatutárias

Alterar Artigo 36º para a seguinte redação

Artigo 36º: A diretoria, órgão executivo do sindicato, será composta por 27 membros e será eleita pelo voto direto e secreto dos seus associados em dia com as suas obrigações

estatutárias, **de forma majoritária** e em único turno, garantindo à chapa que obtiver maioria simples dos votos válidos a vitória.

Parágrafo único: Em caso de empate será realizado segundo turno apenas com as chapas que empataram em primeiro lugar nas eleições.

Exclusão dos atuais parágrafos 1º e 2º do artigo 36º

Adequar Artigo 37º para a seguinte redação:

Artigo 37º: São as seguintes as coordenações:

- a) Geral
- b) Jurídica
- c) de Secretaria
- d) Financeira
- e) de Imprensa
- f) de Educação, Formação Política e Política Sindical
- g) de Cultura, Esporte e Lazer
- h) de Organização Sindical de Base
- i) de Carreira, RH e relações de trabalho
- j) de Saúde e Meio Ambiente
- k) de Aposentados e Assuntos de Aposentadoria
- l) de Inclusão e Diversidade

Exclusão dos parágrafos 5º e 6º do artigo 37

Defesa do vínculo do Hospital Estadual de Sumaré (HES) à Unicamp.

As assembleias e plenárias da categoria poderão ser virtuais ou híbridas, desde que aprovadas em reuniões da diretoria. Nesses espaços devem ser disponibilizados mecanismos para auferir presenças e para realização de votações de forma segura.

Esse é o resumo da tese ALERTA UNICAMP. Os demais itens da tese, inclusive o plano de lutas, serão disponibilizados oportunamente. Desde já agradecemos a todos o apoio e esperamos sua participação nesse momento importante da nossa categoria.